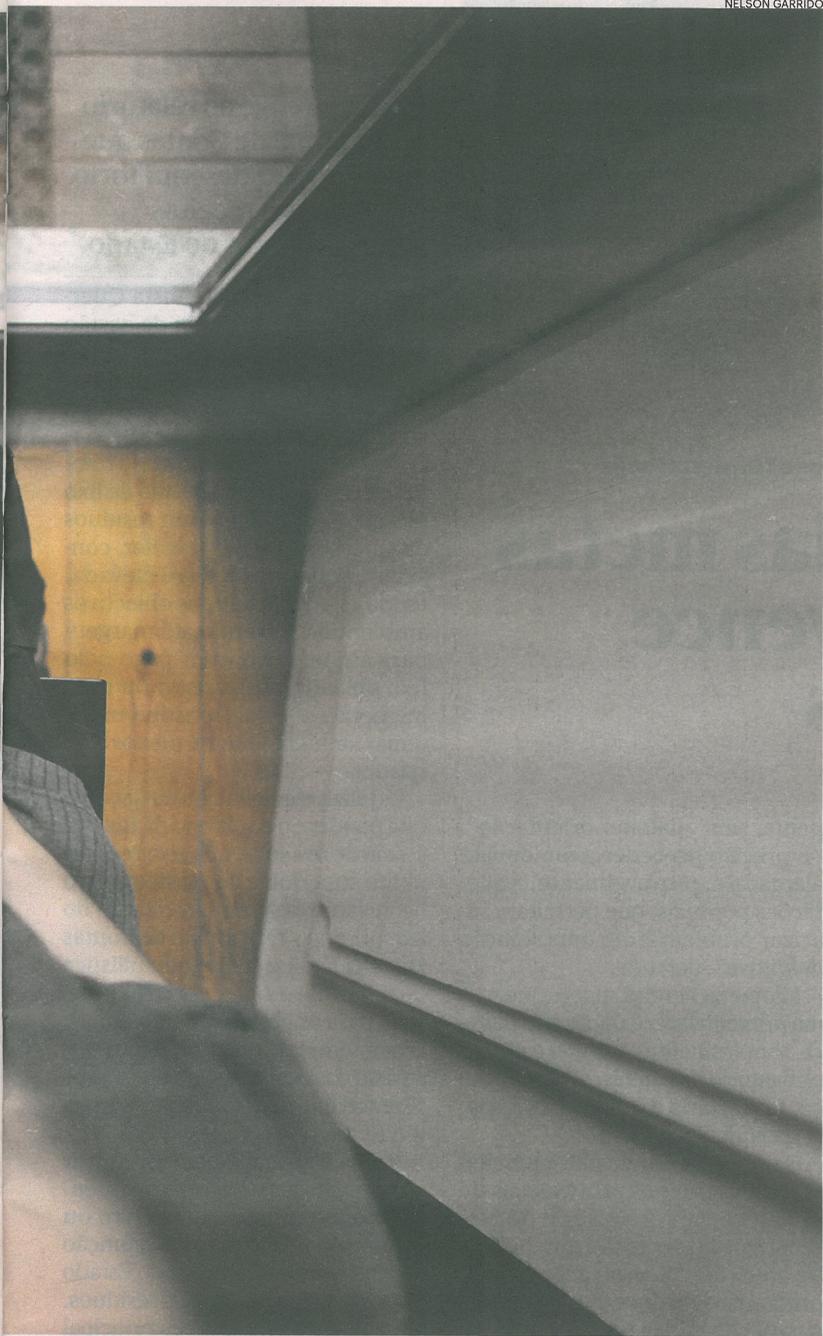


## “O agressor mais culto tem mais recursos mentais para intimidar”

Catarina Ribeiro  
Psicóloga forense

NELSON GARRIDO



RUI GAUDÊNCIO



Julgamento de Manuel Maria Carrilho por violência doméstica está marcado para Fevereiro

### Lobby das mulheres quer ano europeu

PE aprovou uma resolução a pedir que 2016 fosse dedicado à luta contra violência de género

O Lobby Europeu das Mulheres bateu-se anos a fio para que 2016 fosse o ano europeu do fim da violência de género. A 10 de Março último, o Parlamento Europeu aprovou uma resolução na qual reiterava um apelo nesse sentido à Comissão Europeia e aos Estados-membros, com 441 votos a favor, 205 contra e 52. Até agora, não recebeu notícia sobre qualquer decisão.

A cada ano ou a cada dois anos, a União Europeia escolhe um tema. A ideia é sensibilizar os cidadãos europeus e chamar a atenção dos governos de cada país. Por norma, até para permitir o planeamento de uma série de eventos, os temas são decididos com muita antecedência.

A resolução do Parlamento Europeu refere a necessidade de se canalizar “recursos suficientes para acções de

sensibilização”. O documento indica que seria “necessário dispensar uma formação adequada às autoridades e aos serviços envolvidos, bem como aos profissionais, como agentes da polícia, magistrados, advogados, médicos, professores e todos aqueles que, em virtude da sua actividade profissional, prestem assistência às mulheres que tenham sido vítimas de violência”.

Contactado pelo PÚBLICO, o gabinete de imprensa do Parlamento Europeu em Portugal indicou que “não há qualquer informação sobre a temática do próximo Ano Europeu. “Eventualmente prolongar-se-á o Ano Europeu para o Desenvolvimento” de 2015 para 2016, como aconteceu de 2013 para 2014, com o Ano Europeu do Cidadão, referiu a mesma fonte, por email.

de parecer masoquismo, mas não é”, sublinha Isabel Dias. “É a teoria da escolha racional. A pessoa pesa muito os custos e os benefícios de permanecer na relação violenta ou abandoná-la.”

Nos grupos mais favorecidos, como nos mais desfavorecidos, os filhos podem ser factores decisivos – quer para ficar (“se abandonar esta relação, eles vão deixar de viver com pai e mãe, de ter este nível de vida, ter esta rede social”), quer para tomar medidas, procurar ajuda, denunciar, pôr termo à relação violenta. A professora universitária de que falou Sofia Neves só se separou quando o companheiro a ameaçou de morte à frente do filho de ambos, que era ainda pequeno e já reproduzia alguns dos comportamentos agressivos do pai. Quando ele fez aquilo, ela percebeu que os punha em risco.

Nas relações abusivas não é raro os filhos serem usados para fazer chantagem ou como armas de arremesso. Diz a experiência da psicóloga forense Catarina Ribeiro que são estes grupos diferenciados que protagonizam os grandes conflitos em torno das responsabilidades parentais: “Têm mais recursos, mais dinheiro para pagar advogados, pedir assessoria técnica, manter o processo activo.” As sequelas, essas, poderão acompanhar as crianças o resto da vida.

com Ana Henriques

nómico elevado.”

Como noutras classes sociais, explica aquela investigadora, estas vítimas de violência doméstica debatem-se com uma grande contradição: “São agredidas por pessoas que amam e em quem confiam; como não é suposto serem maltratadas pelas pessoas que amam, esperam que elas mudem. E os agressores sabem trabalhar esta dimensão afectiva. Pedem desculpa, prometem mudar.”

A violência pode assumir diversas formas, incluindo a financeira. “A vítima vive numa casa esplêndida, mas não tem acesso às contas da família, tem dinheiro racionado”, exemplifica Isabel Dias. “Isso é uma

forma de controlo.” Pode começar logo no início da relação, disfarçado de grande paixão. “Não quero que trabalhes, quero que estejas só comigo.” A certa altura, a vítima sente-se presa.

“Há pessoas que têm uma vida estruturada a partir de uma certa imagem social – a imagem de uma família de sucesso, sólida, tradicional – e não querem perder isso”, volta Catarina Ribeiro. Pode ter a ver com a religião ou a moral, mas também com o nível de vida – férias na neve, Natal no Brasil, crianças num colégio. “Há cadeiras que voam, mas vão ‘encontrando um equilíbrio”, diz. Visto de fora, “po-